



MULHER, MEIO AMBIENTE E MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS ARTESANAIS NA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI/RS

Valdir Jose Morigi¹
Bernardete Brigolin Cerutti²
Vera T. S. Costa³

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz reflexões sobre as práticas do trabalho artesanal feminino como instrumentos auxiliares na preservação do meio ambiente e na construção de um modo de vida sustentável. A pesquisa, utilizando-se de abordagem qualitativa, abrangeu um grupo de mulheres da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, no município de Lajeado/RS⁴. O estudo de caso - com entrevistas semiestruturadas e diário de campo, observação e registro de imagens do universo em que se realizam as práticas, foi realizado em 2009 permitindo a caracterização do contexto analisado, identificação do perfil destas mulheres bem como dos materiais utilizados na reciclagem, reutilização e reaproveitamento em seus trabalhos. Conclui-se que este processo de produção artesanal possibilita a transformação das consciências, produz conhecimento e aponta para um novo olhar em relação à preservação e o cuidado com o meio ambiente.

O trabalho artesanal feminino deve ser situado num processo sócio-histórico da trajetória de lutas das mulheres por justiça, igualdade social e equidade de gênero. A industrialização as inclui na força de trabalho fabril como assalariadas em tarefas consideradas secundárias (sem o emprego da força física) justificando tratamento e salário inferiores. Como afirma Fischer (2006, p. 30):

Além de serem absorvidas pela produção capitalista, em atividades semelhantes às que lhes eram secularmente atribuídas, as mulheres se prestavam à acumulação. O trabalho doméstico estava embutido no assalariamento da força de trabalho da mulher, criando as condições para maior exploração da classe trabalhadora.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, Professor Associado I da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico / UFRGS), valdir.morigi@ufrgs.br

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD), do Centro Universitário-UNIVATES

³ Mestre em Comunicação e Informação pela Fabico/UFRGS

⁴ A denominação “Alto Taquari” e a “Baixo Taquari” são autodenominações históricas empregadas para identificar as cidades da região a partir de seu relevo. Daí o nome da Associação dos Artesãos do Alto Taquari. Com a criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES) pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Lei n° 10.283, de 17 de outubro de 1994, e Decreto n° 35.764, de 28 de dezembro de 1994, a região deste estudo é Vale do Taquari..



Outra justificativa para a inferioridade salarial era a “complementaridade” desta remuneração no orçamento familiar, pois a mulher continuava a realizar o trabalho doméstico não gerando despesas adicionais. A duplicidade de funções evidencia a hierarquia e as relações de poder com a preponderância masculina sob a argumentação da condição biológica e sexual. A noção de gênero, elaborada no bojo dos movimentos das décadas de 70/80 do século passado, vem mostrar que o feminino e o masculino advém de uma relação de construção sociocultural, com aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade e da masculinidade. “Não se trata de negar que o gênero se constrói sobre o sexo, mas de ressaltar a construção social sobre as características biológicas” (FISCHER, 2006, p. 31).

Scott (1991), entende o gênero é uma categoria de análise que afirma a historicidade das distinções sociais entre os sexos, sendo um conceito relacional que impede analisar homens e mulheres separadamente. Símbolos culturais, conceitos normativos expressos e as identidades subjetivas de homens e mulheres forjadas em suas relações com as instituições e organizações sociais devem ser situados historicamente. Assim, a divisão social do trabalho entre os sexos, que vincula as mulheres à esfera privada de reprodução e os homens à esfera pública de produção, é fruto de processo histórico que utiliza a diferença biológica como justificativa para uma divisão arbitrária do trabalho.

Se as desigualdades entre os gêneros são sociais e constituídas historicamente, então é possível, da mesma forma, construir igualdade entre os gêneros. Compreender essa dinâmica como elemento de mudança significa construir a cidadania, compreendida por Walby (2004, p. 169) como:

[...] um conjunto de princípios que serve de base às concepções de justiça social,
[...] um conjunto de propostas sobre como os indivíduos deveriam ter direitos e deveres políticos, civis e sociais para ser capazes de realizar plenamente seu potencial humano.

2 PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

A participação feminina vem crescendo continuamente no mercado de trabalho brasileiro. Segundo pesquisa do IBGE, realizada em seis regiões metropolitanas do país, em janeiro de 2008 havia 21,2 milhões de pessoas ocupadas e as mulheres representavam 44,4% desse contingente, isto é, 9,4 milhões. Se comparado com o mesmo período em 2003, havia 20,8 milhões de pessoas ocupadas, sendo que as mulheres representavam 42,7%, ou seja, 8,8 milhões (IBGE, 2008)⁵. Tal

5 A Pesquisa Mensal de Emprego (PME) – Algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho, publicada em 2008, objetivou produzir indicadores para o acompanhamento conjuntural da inserção da mulher no



crescimento está associado ao maior nível de escolaridade feminino, apontando predomínio daquelas que possuem 11 anos ou mais de estudo: 59,9% em janeiro de 2008 e 51,3% em janeiro de 2003 (IBGE, 2008); ao processo de transição demográfica que reduz o número de filhos por mulher e a uma maior expectativa de autonomia econômica e realização pessoal (Revista CTB 2009).

A história da mulher no mercado de trabalho brasileiro está fundamentada em dois aspectos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento do nível de instrução. Estes fatores vêm ocasionando a crescente inserção da mulher na força de trabalho e a elevação de sua renda, especialmente a partir da metade da década de 80 (LODI, 2006). Para a ONU, esse aumento é uma das tendências mais claras de mudança na estrutura do mercado de trabalho nas últimas décadas, tanto no Brasil, quanto em toda a América Latina, entretanto, isso não impôs uma significativa redução da desigualdade de gênero.

A desigualdade salarial, passados mais de dois séculos dos primórdios da industrialização, ainda persiste. A remuneração das mulheres, por exemplo, ainda é inferior a dos homens. Em janeiro de 2008, a média era de R\$956,80 e R\$1.342,70 respectivamente, para o conjunto das seis regiões metropolitanas investigadas pela Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE, 2008). Os números demonstram que mesmo com avanços, o mercado de trabalho ainda é hostil e segregador para as mulheres. Neste contexto, muitas são as mulheres atuando no mercado informal⁶ no Brasil. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2005), mais de 40% das mulheres não negras ocupam postos vulneráveis de trabalho e, entre as mulheres negras, esse contingente se eleva para mais da metade⁷. O trabalho informal nega, no presente, o acesso aos direitos trabalhistas e, para o futuro, significa falta de acesso à aposentadoria ou à proteção social assegurada pela Previdência Social. Por isso, defender a igualdade tem caráter emancipatório e afirmativo de cidadania para as mulheres.

No mercado informal convivem diferentes tipos de atividades realizadas de forma individual, cooperativa ou associativa, formalizadas ou não. São exemplos oficinas de produção, organizações de micro-crédito, operações ligadas à prestação de serviços e associações de artesãos. Essas atividades possuem uma racionalidade econômica que, diferentemente das empresas capitalistas, são baseadas na geração de recursos, monetários ou não, destinados a prover os meios

mercado de trabalho. A pesquisa teve como recorte geográfico de investigação seis regiões metropolitanas, sendo elas: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, comparando os meses de janeiro de 2003 e 2008.

6 O entendimento de mercado informal no Brasil, deriva da ordem jurídica. A empresa informal é aquela que não possui sistema de contas claramente separados das contas da família, não emite nota fiscal declarada, não paga impostos ao governo e não possui funcionários registrados.

7 Mais informações em: http://www.dieese.org.br/esp/estpesp14112005_mulhernegra.pdf



de vida, utilizando recursos humanos próprios. Dentre as alternativas que surgem da organização cooperativa, das associações, e também de iniciativas individuais, destaca-se o segmento de artesanato.

Segundo Barroso Neto (1999), a produção artesanal representa uma alternativa de ocupação e renda para comunidades excluídas do mercado de trabalho formal, especialmente às mulheres. No Brasil, 8,5 milhões de pessoas estão inseridas em atividades artesanais, sendo que, deste total, 7.395 são mulheres, representando 87% (ANUÁRIO DO ARTESANATO, 2008). No Rio Grande do Sul, dos 65.007 artesãos cadastrados no Programa Gaúcho do Artesanato (PGA), 50.369 são mulheres, representando 77,48% (FGTAS/Sine, 2008). Este último percentual poderá ser ainda maior, se considerada a estimativa de 100.000 artesãos existentes no estado, sendo que 34.993 não são cadastrados no PGA (FGTAS/Sine, 2008). Ainda sobre isso, pesquisa realizada por Garske (2009) identificou que dos 496 municípios existentes no Rio Grande do Sul, 397 desenvolvem feiras e exposições artesanais, com a presença de 251 associações constituídas.

Essa mesma pesquisa identificou também que, na região do Vale do Taquari, há 15 associações e 805 artesãos (GARSKE, 2009), com maior participação de mulheres. No ranking das regiões do estado com maior número de associações constituídas e maior número de artesãos, o Vale do Taquari está em segundo e oitavo lugares respectivamente⁸, evidenciando a importância da atividade artesanal feminina, o associativismo e, principalmente, a promoção e o exercício de cidadania, por meio de um modo de vida centrado em potencialidades humanas, culturais e ambientais, local e regional (ALMEIDA, 2007).

Os números mostram a representatividade da prática do trabalho artesanal feminino no país, e nele, o estado do Rio Grande do Sul e o Vale do Taquari. Assim, se considerarmos que nessa prática, houve o crescimento de 17% do uso de materiais reciclados como matéria-prima, segundo dados do IBGE (IBGE – Relatório Perfil dos Municípios Brasileiros: Cultura 2006), acredita-se na possibilidade desse setor contribuir para a reflexão sobre formas diferentes de pensar e agir de modo sustentável.

⁸ De acordo com os COREDES, o estado do Rio Grande do Sul está sub-dividido em 28 regiões. No ranking das regiões do estado com maior número de associações artesanais, o Vale do Taquari está atrás apenas da região da Serra (17), e pelo número de artesãos está atrás das regiões: Metropolitano do Delta do Jacuí (74.280); Sul (4.536); Serra (1.215); Vale do Rio dos Sinos (984); Vale do Rio Pardo (884); Fronteira Noroeste (825); e Hortências (808). Mais informações em Garske (2009).



3 AS NARRATIVAS SOBRE AS PRÁTICAS DO TRABALHO ARTESANAL FEMININO, PRESERVAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL

As artesãs incluídas neste trabalho têm idade variável entre 30 e 60 anos, predominando o nível de escolaridade de ensino médio completo. Elas desempenham o papel tradicional, em seu espaço privado, como esposa, mãe e responsável pelo cuidado da casa, e o de trabalhadoras com presença na esfera pública. A partir das narrativas das artesãs⁹ sobre suas práticas, foi possível verificar qual é o papel da mulher na preservação do ambiente e na construção de um modo de vida sustentável, como ver-se-á a seguir.

Guardo todas as sobras, de tecido, de lã, tinta, o que for. Não coloco nada fora. Tudo dá pra aproveitar. Inclusive, quando ando pelas ruas, fico sempre de olho para ver se há alguma coisa jogada fora que eu posso utilizar. Já trouxe pra casa muitos pedaços de caixas, dessas de frutas e verduras, sabe, atiradas nos pátios de supermercados. Lixo e pinto a madeira, depois faço um enfeite com flores ou com frutas e transformo em arranjo pra cozinha, sala de festas. Não faço isso porque vou ter mais lucro. Faço por consciência. A natureza está mostrando sua revolta e, se cada um de nós não fizer a sua parte, vamos morrer soterrados no nosso próprio lixo. Sustentável pra mim é mudar a forma de ver e fazer as coisas [...], mas eu acho que as pessoas já estão se dando conta disso (*Ângela, 47 anos*).

Alguns restaurantes e cachorrões¹⁰ daqui (Estrela-RS) me conhecem e guardam as latas de milho, de ervilha e cerveja pra mim. Com as latas de milho e ervilha eu faço as peças para decoração e para uso em cozinha e, com as latinhas de cerveja, faço rosas [...], depois coloco nos cabideiros¹¹ de madeira. Fica lindo! São vários dias de trabalho até que uma peça fica pronta [...], mas vale a pena. O lixo realmente vira arte, e eu acho que isso é sustentabilidade (silêncio), com responsabilidade, com qualidade e criatividade (*Helena, 42 anos*).

Restaurar uma imagem sacra é muito mais complicado do que fazer uma nova. Primeiro preciso conhecer de que material foi feita, as cores originais e avaliar o estado de deterioração da peça. Tudo isso é um trabalho muito demorado [...], mas gratificante quando se observa a reação das pessoas ao ver a peça renovada. Além disso, ajudo a resgatar histórias, como a peça de uma senhora de Estrela que tinha mais de 80 anos. E ajudo a preservar o meio ambiente, porque se essa peça não fosse restaurada, talvez seria colocada fora (*Valquiria, 40 anos*).

Observa-se nas narrativas das artesãs que as suas práticas estão intimamente ligadas às ações de “guardar”, “conservar”, “cuidar”, “reaproveitar”. Elas “guardam das sobras de matéria-prima” que são reaproveitadas nas confecções e criações de artefatos artesanais. Essas ações remetem ao cuidado, como lembra Boff (2009, p. 88): “[...] o cuidado funda a primeira atitude ética fundamental, capaz de salvaguardar a Terra como um sistema vivo e complexo, proteger a vida, garantir os direitos dos seres humanos e todas as criaturas, a convivência em solidariedade, compreensão, com-paixão e amor”. Assim, é possível fundar a ética de um planeta sustentável.

Outro elemento percebido no estudo foi a formação de uma rede de sociabilidade entre as artesãs e outros atores sociais da comunidade local, pessoas que fornecem as matérias-primas para a

⁹Os nomes utilizados para as artesãs são fictícios, visando a preservar suas identidades e privacidade.

¹⁰São estabelecimentos comerciais na área de alimentos especializados em lanches.

¹¹Cabideiro, aqui, refere-se a um móvel de madeira, com pequenos braços, apropriado para pendurar chaves, chapéus e bolsas de mão. As rosas, feitas com latas de cerveja, são pintadas e colocadas sobre a madeira, visando a decorar a peça.



realização do trabalho das pesquisadas. As latas e outros resíduos descartados, reutilizados na confecção de produtos artesanais, fazem parte de uma rede mais complexa de atores que participam da cadeia produtiva, parte do modelo de desenvolvimento econômico de industrialização do capitalismo.

Os resíduos descartados são transformados em “arte” pelas mãos das artesãs adquirindo novo uso social. A rede de relações constituídas por elas com outros atores e como os estabelecimentos comerciais, é responsável pela criação de uma rede social que possibilita mudanças de atitudes, transformando comportamentos em ações ambientalmente sustentáveis. Essas práticas podem reduzir a geração de lixo e de poluição ambiental.

Nas narrativas foi possível perceber o significado dessas ações e o papel dos cidadãos na construção de um mundo sustentável e quais as perspectivas de futuro para o meio ambiente e o planeta.

Eu acho que as pessoas estão ficando mais conscientes das questões ambientais. A TV, o rádio, os jornais toda hora estão falando e mostrando isso. Eu separo o lixo há muitos anos. Ensinava meus alunos na época da escola a fazer também. Inclusive fazíamos brinquedos com embalagens recicladas [...]. O artesanato é um exemplo que quase tudo pode ser aproveitado: com sobras de fios e arames crio enfeites, com o cone de linha faço embalagens [...]. Sou cuidadora com isso porque acho que cada um tem que fazer a sua parte, e não é difícil [...] (*Renata, 52 anos*).

velhos, feios. Depois de pronto fica como se fosse uma peça novinha. Claro que para fazer isso é preciso ter vontade, iniciativa, dedicação, mas em geral as pessoas estão percebendo que é preciso mudar hábitos. Eu tenho esperança num mundo melhor (*Marinês, 42 anos*).

A maturidade nos ensina a ser pessoas mais conscientes, em todos os sentidos. Temos muitos problemas ambientais, mas, ao mesmo tempo, acho que é possível reverter a situação (*Denise, 56 anos*).

O mesmo cuidado que eu tenho no artesanato eu tenho nas outras coisas. É uma questão de educação. E a nova geração que está vindo é muito mais consciente disso. Eu vejo pelo filho, que chega da escola contando o que aprendeu e cobra da gente novos comportamentos. Por isso, eu sou otimista com o futuro (*Valquiria, 40 anos*).

Observa-se que a prática do trabalho artesanal está centrada na ação de reciclar resíduos que, se não fossem reutilizados, iriam parar no lixo. Isso possibilita e potencializa para a mudança de consciência e reflete nas atitudes dos cidadãos em relação as suas práticas de consumo, uma vez que os resíduos e dejetos podem ser reaproveitados e reutilizados após o processo de reciclagem. Assim, a responsabilidade dos cidadãos pela preservação do ambiente começa pelas nossas atitudes cotidianas e pode se estender também para outras esferas da vida social.

O artesanato com materiais recicláveis pode contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável tem outro aspecto: a ação criativa. Ribeiro (2005, p. 398) ressalta que “para a aprendizagem do viver sustentável, a arte adquire realce especial”. É na arte de transformar um pedaço de tecido em pano de prato, em trilha de mesa, em



fuxico; é na arte de transformar lata em objeto decorativo e utilitário; é na arte de transformar linha em roupa, em colcha, em tapete; é na arte de reaproveitar materiais e fazer surgir tantas outras formas quanto a mente seja capaz de imaginar. A arte possibilita comunicação imediata, pois possibilita o estímulo das emoções, dos sentimentos, da sensibilidade, elementos importantes no processo de mudança de consciência e nas ações dos cidadãos.

A tomada de consciência dos cidadãos na construção de um mundo sustentável passa, no entanto, pela educação, pelo aprendizado da escola e pelo acesso às informações ambientais veiculadas pelos meios de comunicação (rádio, TV, jornais, revistas, entre outros). A qualidade da informação e o acesso a ela auxilia na forma de participação e atuação dos sujeitos no meio que vivem.

Nessa abordagem, o papel da mulher na comunidade transformando os objetos por meio da reciclagem de materiais se constitui em uma ação de sustentabilidade para o meio ambiente. As práticas do trabalho artesanal podem ajudar a sensibilizar a sociedade para a importância de cuidar dos espaços públicos da sua cidade e do ambiente em que vivem, motivando mais pessoas a assumir a sua responsabilidade em relação a vida coletiva e ao compartilhamento do planeta.

A crise ambiental contemporânea parece não abalar as perspectivas de futuro das artesãs. Elas são otimistas em relação ao futuro do meio ambiente e ao do planeta, os quais dependem das ações humanas. Nas narrativas expressam que há esperança e confiança em dias melhores. Contudo, a esperança das artesãs precisa ser implementada com a ação de outros atores que fazem parte da rede social, tal como o papel das políticas públicas em relação a mídia como meio de tornar acessível às informações ambientais, as escolas na promoção da educação ambiental, na conscientização social e sensibilização dos cidadãos a respeito dos problemas socioambientais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação do meio ambiente e a construção de um modo de vida sustentável podem sair do plano utópico por meio da interligação das ações individuais dos atores sociais em articulação e conexão com ações que definem a rede de relações que se estabelece no coletivo. Assim, para compreender o efeito coletivo das práticas do trabalho das artesãs da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, precisa-se verificar quais os impactos que as práticas do ato de reciclar e preservar trazem ao meio ambiente e aos seres que nele vivem. Certamente, deve-se mencionar a dimensão subjetiva, pois é por meio dela que ocorre a transformação do “eu profundo” do homem em uma



consciência mais elevada, capaz de revitalizar o sentimento solidário com outros seres que habitam e compartilham o planeta.

Em meio a esse complexo desafio observa-se que as mulheres artesãs participantes deste estudo utilizam materiais reciclados e aproveitam “sobras” de matéria-prima nas suas criações, tais como latas, tecidos, linhas, madeiras, embalagens, entre outros, assim como restauram peças, indicando possibilidades de reconhecimento das práticas do trabalho artesanal como ações sustentáveis para o ambiente e a construção de um modo de vida sustentável.

As práticas do trabalho artesanal devem ser compreendidas como um começo, uma iniciativa, na construção de uma consciência planetária, pois esse processo envolve um conjunto de ações de outros atores sociais. A participação social dos cidadãos na construção de ações sustentáveis para o meio ambiente depende de fatores conjugados, como o acesso às informações e à educação ambiental. A prática de uma educação que considere a ética do cuidado como um dos princípios que devem nortear as relações humanas na preservação ambiental e a construção de um modo de vida sustentável é uma atitude que aponta novo comportamento e a formação de nova consciência planetária, pois possibilita a transformação na visão e nas práticas do desperdício, do consumo e do mundo como algo descartável.

A partir deste estudo, refletiu-se sobre a complexidade que envolve a construção de ações sustentáveis. Elas dependem das escolhas, decisões e das ações cotidianas do homem. Nesse processo, a participação e o engajamento de todos são fundamentais, pois para que as transformações ocorram em nível planetário é necessário que ocorram também em nível local. Quando houver essa sincronização, conseguir-se-á mudar as atitudes internas e subjetivas, o nosso “eu profundo”, e tal energia passa a se propagar e atuar em toda a cadeia, mobilizando e transformando a rede de relações de forma integral. Acredita-se que este é um caminho que possibilita minimizar os impactos pela ação humana no meio ambiente em direção a um modo de vida sustentável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabiana A. B. **O Brasil feito à mão**. Belo Horizonte/Minas Gerais – Brasília/Distrito Federal: Instituto Centro-CAPE / Central Mãos de Minas, ano 1, n. 3, 2007.

BARROSO NETO, Eduardo. **Design, Identidade cultural e artesanato**. In: Primeira Jornada Iberoamericana de *Design* no artesanato. Fortaleza, 1999. Disponível em:

<http://www.eduardobarroso.com.br/artigos.htm>. Acesso em: 27 jan. 2010.



- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- _____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade.** Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos.** Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivo.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAVALCANTI, Clóvis (org). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável.** São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.
- FISCHER, Izaura Rufino. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Massangana, 2006.
- GARSKE, Mara Eliza. **As indústrias criativas como fator de desenvolvimento: o caso do artesanato no RS.** Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Relatório perfil dos municípios brasileiros: cultura.** Rio de Janeiro; IBGE, 2006.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa mensal de emprego: algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho.** Rio de Janeiro; IBGE, 2008.
- MAWHINNEY, Mark. **Desenvolvimento sustentável: uma introdução ao debate ecológico.** São Paulo: Loyola, 2002.
- Revista Ciências Sociais em Perspectiva.** LODI, Odete. A mulher e as relações de trabalho. (5) 9 : 149-160 – 2º sem. 2006.
- RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar: pensando o ambiente humano.** Brasília: Universa, 2005.
- SATO, Michèle & SANTOS, José Eduardo. **Agenda 21 em sinopse.** Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS CORPO, 1991.
- SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico.** Ed. 4. São Paulo: Atlas, 1999.
- WALBY, Sylvia. Cidadania e transformações de gênero. In: GODINHO, Tatau. SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). **Políticas públicas e igualdade de gênero.** São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 188.